

Mostra Afro-Indígena Mosaicun e a construção de saberes afro-indígenas para uma educação antirracista e plural

ARTIGO

Francisca Ranielly de Brito Macêdoⁱ 

Secretaria de Educação do Estado do Ceará e Universidade Federal do Ceará, Ceará, Brasil

Hernâni Robinson da Luz Oliveiraⁱⁱ 

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

Erinaldo Gualberto da Silvaⁱⁱⁱ 

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

Priscila Orlandini^{iv} 

Universidade de São Paulo, Piracicaba, São Paulo, Brasil

Jany Mery Alencar Leite^v 

Universidade Regional do Cariri, Campos Sales, Ceará, Brasil

Rayane de Tasso Moreira Ribeiro^{vi} 

Universidade Regional do Cariri, Campos Sales, Ceará, Brasil

Resumo

Este artigo analisou a IV Mostra de Arte e Cultura Afro-Indígena (MOSAICUN), realizada em uma escola pública do Cariri cearense, como prática pedagógica antirracista. A iniciativa promoveu o reconhecimento das identidades étnico-raciais, aliando currículo decolonial e protagonismo estudantil. Por meio de pesquisas, apresentações e produções visuais, os estudantes exploraram a história de mulheres negras e topônimos indígenas locais, fortalecendo o pertencimento e a consciência crítica. A ação contribuiu para a valorização dos saberes afro-indígenas, o enfrentamento ao racismo estrutural e o reconhecimento institucional da escola como espaço de resistência e inclusão. O trabalho destaca a importância de práticas educativas contínuas e comprometidas com a justiça social e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Palavras-chave: Currículo Escolar. Educação Antirracista. Identidade Étnico-Racial. Prática Pedagógica Decolonial. Saberes Afro-Indígenas.

Afro-Indigenous Exhibition Mosaicun and the construction of afro-indigenous knowledge for an anti-racist and plural education

Abstract

This paper analyzes the 4th Afro-Indigenous Art and Culture Exhibition (MOSAICUN), held at a public school in the Cariri region of Ceará, as an anti-racist pedagogical practice. The initiative promoted the recognition of ethno-racial identities by combining a decolonial curriculum with student protagonism. Through research, presentations, and visual productions, students explored the histories of Black women and local Indigenous place names, strengthening their sense of belonging and critical awareness. The exhibition contributed to valuing Afro-

Indigenous knowledge, confronting structural racism, and gaining institutional recognition of the school as a space of resistance and inclusion. The study highlights the importance of continuous educational practices committed to social justice and aligned with the United Nations Sustainable Development Goals.

Keywords: School Curriculum. Anti-Racist Education. Ethnic-Racial Identity. Decolonial Pedagogical Practice. Afro-Indigenous Knowledge.

1 Introdução

2

O Brasil é um país com grande diversidade étnico-racial, resultado de uma complexa história de encontros, conflitos e resistências entre povos indígenas, africanos e europeus, que moldaram a formação social, cultural e política do país (Nunes *et al.*, 2025; Gaia; Scorsolini-Comin, 2020). No entanto, essa diversidade não foi reconhecida de forma equânime nas narrativas históricas oficiais e nos espaços institucionais, incluindo o sistema educacional. O racismo estrutural persiste no Brasil, podendo ser entendido como um conjunto de práticas, discursos e estruturas que reproduzem a desigualdade racial em todas as esferas da vida social. Esse fenômeno impacta diretamente os mecanismos de inclusão e a valorização das identidades afro-indígenas no campo educacional (Santos *et al.*, 2023; Elacqua *et al.*, 2024).

Compreender o racismo estrutural exige um olhar atento à trajetória histórica que o sustenta. Esse fenômeno é fruto de um processo de exclusão e desigualdade que teve como principais alvos os povos indígenas e afrodescendentes. Os primeiros foram submetidos a processos de expropriação territorial, violência cultural e tentativas sistemáticas de apagamento, enquanto os segundos enfrentaram a escravidão, a exclusão social e a marginalização no período pós-abolição (Maringoni, 2011; CIDH, 2023; Oliveira; França; San Rodrigues, 2024). Essas trajetórias foram acompanhadas por invisibilidade institucional e silenciamento de suas culturas e histórias (Silva, 2018; Guajajara *et al.*, 2021; Oliveira; França; San Rodrigues, 2024).

Essa exclusão histórica encontra ressonância direta no campo educacional. A marginalização de povos indígenas e afrodescendentes se manifesta na predominância de currículos eurocêntricos que pouco ou nada abordam a contribuição histórica, cultural

e social desses povos para a construção da identidade nacional. Portanto, fica evidente que uma perspectiva decolonial do currículo escolar se mostra necessária para o enfrentamento das desigualdades étnico-raciais no Brasil (Oliveira; Candau, 2010; Munanga, 2008).

Diante dessa realidade, o marco jurídico representado pelas Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 emergem como uma resposta significativa. Sancionada como instrumento legal e pedagógico, a lei torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas (Brasil, 2003; Brasil, 2008). Embora represente um avanço importante, sua implementação enfrenta inúmeros desafios. Diversos profissionais da educação relatam dificuldades para ministrar conteúdos multiculturais de forma transversal, crítica e contextualizada, devido à carência de formação específica, recursos didáticos e apoio institucional (Sousa; Galindo; Barbosa, 2022).

Ademais, as ações pontuais voltadas à temática racial, comumente restritas às datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra e o Dia dos Povos Indígenas, não promovem um debate contínuo nem uma reflexão crítica sobre a historiografia e a situação contemporânea de negros e indígenas (Gomes, 2017). Na verdade, essas iniciativas esporádicas, conforme argumenta Munanga (2008), são insuficientes e acabam contribuindo para uma percepção folclorizada das culturas afro e indígena. Em vez de promover a inclusão efetiva e o reconhecimento da pluralidade cultural, podem reforçar a marginalização desses grupos.

Nesse cenário, tornam-se cada vez mais necessárias práticas pedagógicas inovadoras que transcendam o formalismo legal e se incorporem de forma permanente à rotina escolar. Tais práticas devem promover o reconhecimento das identidades étnico-raciais e possibilitar a construção de uma educação antirracista, plural e emancipatória (Lima, 2012).

Dentre as estratégias de ensino, destacam-se as mostras culturais escolares, que se configuram como espaços privilegiados de expressão, aprendizagem e protagonismo estudantil. Esses eventos permitem a articulação de saberes interdisciplinares e o reconhecimento das histórias dos sujeitos envolvidos, contribuindo de maneira concreta

para o enfrentamento do racismo e a valorização das culturas afro-brasileira e indígena (Batista; Rodrigues, 2025).

Atividades diversificadas, como mostras culturais, alinham-se diretamente à concepção de educação libertadora defendida por Paulo Freire (1996) que valoriza os saberes dos educandos e propõe o desenvolvimento de uma consciência crítica a partir do diálogo. Somam-se a esse pensamento autoras como Nilma Lino Gomes (2017) e Grada Kilomba (2019), que também ressaltam a importância de práticas pedagógicas que enfrentem o racismo estrutural, desconstruam as narrativas coloniais e promovam a equidade racial no ambiente escolar.

É nesse contexto de valorização de práticas transformadoras que se insere a Mostra Afro-Indígena Mosaicun, realizada em uma escola pública da rede estadual do Cariri cearense, figurando como exemplo significativo. Criada em 2019 e tendo como foco a arte e cultura negra, foi ampliada em 2022 para incluir também os saberes e expressões indígenas. A Mosaicun representa uma ação educativa comprometida com o reconhecimento da diversidade étnico-racial local e com a construção de um currículo mais representativo e inclusivo. A iniciativa envolve atividades como pesquisas estudantis, oficinas, apresentações artísticas, rodas de conversa e encontros com lideranças indígenas e negras, promovendo um ambiente escolar de diálogo, valorização e resistência.

Com base nessa experiência, surge a seguinte questão de pesquisa: de que forma a realização da IV Mostra de Arte e Cultura Afro-Indígena contribuiu para a construção de identidades étnico-raciais e o fortalecimento de práticas pedagógicas antirracistas no ambiente escolar?

Parte-se da hipótese de que a Mostra, ao mobilizar a memória, a história e a cultura afro-indígena em articulação com os territórios locais, proporcionou experiências formativas capazes de ampliar a consciência crítica dos estudantes sobre o racismo estrutural. Além disso, acredita-se que a iniciativa fortaleceu o sentimento de pertencimento e revelou a escola como espaço de produção de conhecimento antirracista, situado e transformador.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral analisar os impactos pedagógicos da IV Mostra Mosaicun, com ênfase nos processos de construção identitária, na valorização dos saberes afro-indígenas e no estímulo a uma educação voltada para a justiça social e a equidade racial no contexto escolar do interior cearense. Destaca-se ainda que este trabalho está alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Especialmente aplicando-se ao ODS 4 (educação de qualidade) e ODS 10 (redução das desigualdades), tornando o tema ainda mais pertinente para conhecimento público.

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. Na seção seguinte, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa, detalhando o contexto institucional, os sujeitos envolvidos, as etapas de investigação, os instrumentos de coleta e os procedimentos éticos adotados. A terceira seção é dedicada à apresentação e à discussão dos resultados, estruturada em três eixos analíticos que abordam a intencionalidade pedagógica da Mostra, os materiais produzidos e as vivências formativas, bem como as percepções dos sujeitos e o reconhecimento institucional da ação. Por fim, nas considerações finais, são retomados os principais achados do estudo, destacando-se suas contribuições para a educação antirracista e decolonial, assim como suas limitações e possibilidades para práticas pedagógicas futuras.

2 Metodologia

2.1 Caracterização e contexto da pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se pela natureza qualitativa, consistindo em um relato de experiência com observação participante centrada na análise de uma prática pedagógica concreta: a Mostra de Arte e Cultura Afro-Indígena (MOSAICUN), realizada na Escola Estadual de Ensino Médio (EEM) Dona Clotilde Saraiva Coelho, situada no bairro Pirajá, região marcada por vulnerabilidades socioeconômicas e que contempla

estudantes provenientes da periferia urbana, incluindo bairros como João Cabral e adjacências.

A referida unidade escolar destaca-se como referência regional em educação antirracista, tendo sido contemplada com o Selo Escola Antirracista da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) em duas oportunidades, nos anos de 2023 e 2025. A EEM Dona Clotilde Saraiva Coelho atua, ainda, como escola mentora de outras instituições da região do Cariri, desenvolvendo e compartilhando ações pedagógicas antirracistas voltadas à obtenção da referida certificação (Portal Miséria, 2025).

Em 2024, a Mostra MOSAICUN foi estruturada a partir de duas temáticas principais atribuídas a cada turma: uma mulher negra de relevância histórica e um topônimo indígena. O público-alvo da ação foram os estudantes do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), totalizando 22 turmas e aproximadamente 1.300 estudantes. Desse total, cerca de 58% se autodeclararam negros (pretos e pardos), aproximadamente 1% indígenas e 39% brancos. Trata-se de um público majoritariamente periférico, com perfil socioeconômico baixo, o que confere relevância social e pedagógica à experiência analisada.

Nesse contexto institucional e pedagógico, a equipe envolvida na Mostra é composta por docentes das áreas de Ciências Humanas, Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, além da coordenação pedagógica e do núcleo gestor da escola. Destaca-se a participação de professores negros e indígenas do povo Kariri, alguns deles vinculados a movimentos identitários locais, como Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) e Organização dos Povos Indígenas da Serra do Catolé (ORPINC). Cabe destacar, ainda, que os pesquisadores mantêm vínculo direto ou indireto com a instituição investigada, atuando como docentes, coordenadores pedagógicos ou pesquisadores associados a projetos de pesquisa (tal como o grupo intitulado “Sociobiodiversidade do Cariri Oeste: saberes e práticas no campo, escola e universidade”, certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq) e extensão em desenvolvimento na unidade escolar, o que caracteriza o estudo como um relato de experiência com observação participante.

A partir dessa articulação entre equipe pedagógica e pesquisadores, as atividades foram desenvolvidas entre agosto e novembro de 2024, abrangendo a concepção, o planejamento e a realização da Mostra. Sob orientação docente, os estudantes realizaram pesquisas biográficas sobre mulheres negras e investigações acerca da origem e do significado de topônimos indígenas, resultando na produção de materiais pedagógicos diversos, como apresentações, *banners*, infográficos, maquetes e postagens em redes sociais.

Figura 1 – Banner da IV MOSAICUN com elementos gráficos representativos das culturas afro-indígenas.



Fonte: acervo da pesquisa (2024).

Para investigação dessa prática pedagógica, a pesquisa proposta aqui adotou ainda elementos da etnografia escolar, técnica que busca descrever e interpretar as experiências culturais vividas no ambiente escolar por meio da observação participante (Couceiro; Rosistolato, 2022; Antunes *et al.*, 2024).

A escolha aqui de relato de experiência com observação participante baseado na etnografia escolar visando não apenas mensurar os resultados formais, mas também os processos de construção de identidade, pertencimento e resistência cultural vivenciados durante a Mostra no cotidiano escolar. Portanto, a metodologia utilizada aqui amplia a potência formativa do estudo e contribui para o campo da educação como espaço de produção de conhecimento situado e comprometido com a justiça social, na perspectiva de Daltro e Faria (2019) e Antunes *et al.* (2024).

2.2 Percurso metodológico

Diante da caracterização e do contexto acima discutido, estabeleceu-se a seguinte sequência metodológica para o estudo, executado em três etapas, que abrangeram desde o levantamento e concepção da Mostra até a observação e as reflexões sobre ela.

A primeira etapa consistiu no levantamento e organização de documentos institucionais que registram a concepção, o planejamento e a realização da Mostra MOSAICUN. Esses documentos incluem projetos pedagógicos, relatórios escolares e atas de reuniões das áreas (humanas, linguagens, matemática e ciências da natureza) e do núcleo gestor. Esses materiais foram acessados internamente e submetidos à análise documental, conforme os parâmetros de Cellard (2008), visando compreender a intencionalidade pedagógica, a organização da ação e seus fundamentos institucionais.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados: análise documental institucional; observação participante do processo de planejamento e execução da Mostra; registros fotográficos e audiovisuais; além de anotações de campo produzidas pelos pesquisadores a partir de categorias e subcategorias de analíticas, orientados à identificação de práticas pedagógicas, interações entre estudantes e docentes, manifestações de identidade étnico-racial, pertencimento, protagonismo estudantil, referências à ancestralidade, ao território e ao enfrentamento do racismo estrutural, conforme o Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Categorias e subcategorias analíticas utilizadas na análise da Mostra MOSAICUN

Categoria	Subcategorias	Indicadores observados
Identidade étnico-racial	Autoidentificação; representatividade	Falas dos estudantes, vestimentas, produções visuais
Pertencimento e autoestima	Valorização da identidade; protagonismo	Engajamento nas atividades, participação nas apresentações
Ancestralidade e memória	Referências históricas e culturais	Mulheres negras, lideranças indígenas, símbolos culturais
Território e toponímia indígena	Relação lugar–identidade	Maquetes, mapas, murais e painéis explicativos
Enfrentamento ao racismo estrutural	Práticas pedagógicas antirracistas	Discursos críticos, ações coletivas e intervenções pedagógicas

Fonte: elaboração própria (2025).

A segunda etapa concentrou-se na análise de produtos escolares criados durante a Mostra, tais como textos, desenhos, maquetes, murais e vídeos divulgados em espaços públicos da escola, incluindo murais, redes sociais e blogs. A leitura interpretativa dessas produções buscou identificar elementos de identidade, território, ancestralidade e enfrentamento ao racismo, com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

A terceira e última etapa envolveu a observação indireta e a reconstrução reflexiva das percepções pedagógicas dos professores das diversas áreas do conhecimento e dos estudantes, a partir de anotações institucionais e registros informais que documentam a experiência da Mostra. Essa abordagem metodológica está ancorada na perspectiva qualitativa e interpretativa proposta por Minayo (2001), que valoriza os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências. Além disso, a análise se orientou pelos fundamentos teóricos da educação antirracista discutidos por Gomes (2017), permitindo evidenciar a importância da interdisciplinaridade e da valorização dos saberes afro-indígenas como dimensões formativas essenciais no contexto escolar.

2.3 Procedimentos éticos

A presente pesquisa foi realizada conforme os princípios éticos aplicáveis a relatos de experiência em contexto educacional. A realização da Mostra e o uso de registros institucionais foram autorizados pela gestão da EEM Dona Clotilde Saraiva Coelho com preservação do anonimato dos participantes. Os registros fotográficos e audiovisuais tiveram finalidade pedagógica e científica. Dispensou-se a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS nº 510/2016.

3 Resultados e Discussão

Em termos gerais, os resultados observados aqui demonstram que a Mostra Afro-Indígena MOSAICUN contribuiu para o fortalecimento da identidade étnico-racial dos estudantes, bem como serviu de estímulo ao protagonismo juvenil e valorização dos saberes afro-indígenas no contexto escolar, materializando práticas pedagógicas antirracistas e interdisciplinares em uma escola pública do Cariri cearense.

Os principais resultados obtidos aqui evidenciam impactos formativos no campo identitário, no engajamento estudantil e valorização dos saberes afro-indígenas, conforme detalhado nas subseções a seguir.

3.1 A intencionalidade pedagógica da Mostra: da cultura negra à proposta afro-indígena

A análise documental da prática pedagógica, primeira etapa metodológica, realizada com base no Projeto Político-Pedagógico da escola pesquisada aqui, em projetos escolares diversos, atas de reuniões pedagógicas das áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática, Linguagens e Códigos), além de relatórios institucionais, evidenciou que a Mostra MOSAICUN não surgiu como uma ação pontual, mas como um desdobramento de um percurso formativo mais amplo, desenvolvido na escola pública foco da presente pesquisa.

Temporalmente, desde 2019, a escola promove atividades voltadas à valorização da cultura afro-brasileira, tendo realizado sua I Mostra de Arte e Cultura Negra (MOSAECUN), centrada nas contribuições afrodescendentes à sociedade brasileira. Em 2022, o projeto foi ampliado para incluir também os povos indígenas, originando a Mostra de Arte e Cultura Afro-Indígena (MOSAICUN). Essa transição não se deu de forma simbólica, mas como uma escolha política e pedagógica consciente de incluir as múltiplas vozes que compõem a pluralidade cultural brasileira, reconhecendo histórias frequentemente silenciadas (Gomes, 2017).

A documentação da escola mostra que datas como 19 de abril (Dia dos Povos Indígenas) e 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) são usadas como momentos de aprofundamento curricular, não apenas como eventos isolados. Munanga (2008) enfatiza a importância de evitar abordagens superficiais nessas datas, aproveitando-as para discutir teorias e autores sobre temáticas negra e indígena. A equipe pedagógica compartilha essa preocupação e desenvolve, ao longo do ano, ações interdisciplinares que conectam os conteúdos escolares à vivência dos estudantes e à realidade sociocultural do Ceará.

Cabe destacar o cuidado evidenciado no trabalho aprofundado dessas temáticas durante os planejamentos da Mostra, conduzidos prioritariamente pelos professores de Ciências Humanas, em articulação com docentes das demais áreas (Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens), assegurando um trabalho colaborativo e interdisciplinar. As reuniões ocorreram semanalmente entre agosto e novembro, período em que foi elaborado e divulgado um edital interno que sistematizou a organização e formalizou os critérios pedagógicos.

A partir dessas discussões, definiu-se a distribuição das temáticas por turma: uma mulher negra de relevância histórica e um topônimo indígena, com base em critérios relacionados à formação territorial, ancestralidade local e valorização de vozes historicamente silenciadas, especialmente no Cariri. A definição prévia dessas temáticas e critérios contribuiu para assegurar intencionalidade pedagógica à Mostra, evitando ações pontuais e reforçando seu caráter formativo.

A proposta da Mostra e seu processo organizativo tiveram como base teórica Gomes (2017), Munanga (2008) e Candau (2012), que propõem ações pedagógicas alinhadas a um currículo decolonial, visando superar lógicas eurocêntricas e racistas na educação brasileira. A iniciativa também evidencia o esforço do corpo docente em efetivar as leis nº 11.645/08 e nº 10.639/03, que tornaram obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas, embora ainda desafiadores na prática cotidiana (Brasil, 2003; Brasil, 2008).

Ressalta-se que alguns docentes trouxeram suas perspectivas pessoais como pessoas negras e indígenas, representantes de movimentos identitários do Cariri, como o Movimento Negro no Cariri e os povos indígenas Kariri. Esse envolvimento reforça o caráter inclusivo da proposta, que incorpora saberes afro-brasileiros e indígenas de forma articulada, por meio de docentes afro-indígenas engajados na luta antirracista local, numa perspectiva crítica, situada e comprometida com a transformação social.

A presença desses professores mostrou-se fundamental para a discussão de ideias, definição da proposta da Mostra e demais ações paralelas, pois amplia a representatividade e fortalece o vínculo entre saberes tradicionais e a prática pedagógica, conforme Gonzalez (1984). A autora destaca que, além de transmitir conteúdos, esses docentes encarnam resistências históricas e contribuem para a valorização de identidades étnico-raciais. Gomes (2017) reforça que a atuação docente, especialmente quando dotada de reconhecido lugar de fala, é estratégica para a efetivação de políticas educacionais voltadas à equidade racial.

Dessa forma, a escola analisada aqui não apenas cumpre uma exigência legal, mas evidencia um compromisso ativo com a construção de um projeto educativo antirracista, emancipador e sintonizado com os princípios da justiça social.

3.2 Materiais produzidos e vivências formativas: identidades, território e resistência

A segunda etapa metodológica, centrada na análise de produtos escolares, permitiu observar como os estudantes, orientados pelos docentes, produziram materiais ricos em conteúdo crítico e expressividade visual.

Em termos quantitativos descritivos, todas as 22 turmas participantes produziram ao menos um material pedagógico, resultando em dezenas de produções apresentadas durante a Mostra. Em geral, os banners e infográficos sintetizaram as biografias de mulheres negras, como Dandara dos Palmares, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus (Quadro 2), evidenciando suas trajetórias de resistência e contribuição cultural, política e educacional.

Quadro 2 – Mulheres negras e topônimos indígenas abordados e tipos de materiais produzidos

Tema	Exemplos de Mulheres Negras/Topônimos indígenas	Material produzido
Mulheres negras históricas	Carolina Maria de Jesus, Clementina de Jesus, Dandara dos Palmares, Dona Ivone Lara, Elza Soares, Flávia Oliveira, Jarid Arraes, Lélia Gonzalez, Luiza Mahin, Marielle Franco, Mercedes Baptista, Miriam Alves, Mãe Stella de Oxóssi, Mestre Janja, Rosana Paulino, Ruth de Souza, Sueli Carneiro, Viviane Ferreira, Zezé Motta, Tereza de Benguela, Conceição Evaristo	Banners, infográficos, textos
Topônimos indígenas locais	Araripe, Banabuiú, Catolé, Cocó, Floresta da Chapada do Araripe, Floresta de Aratanha, Floresta de Baturité, Floresta de Pacoti, Floresta do Cocó, Floresta de Uruburetama, Jaguaribe, Meruoca, Cidade de Aquiraz, Cidade de Crateús, Cidade de Icó, Cidade de Itapipoca, Cidade de Maranguape, Cidade de Quixadá, Floresta de Ibiapaba, Rio Acaraú, Rio Coreaú, Rio Curu, Rio Jaguaribe, Rio Mundaú, Rio Parnaíba, Rio Poti, Rio Salgado, Serra do Catolé	Maquetes, murais, mapas

Fonte: elaboração própria, 2025.

Essas referências fortaleceram a formação identitária das alunas negras, algumas das quais passaram a se reconhecer como mulheres negras. Esse resultado dialoga diretamente com as categorias “identidade étnico-racial” e “protagonismo estudantil” sistematizadas no Quadro 1.

Na apresentação, algumas alunas usaram roupas e penteados inspirados nas mulheres negras estudadas, conforme registrado em fotos e relatos dos professores (Figura 2).

Figura 2 - Caracterização de estudantes na Mostra MOSAICUN em ato de afirmação da identidade negra

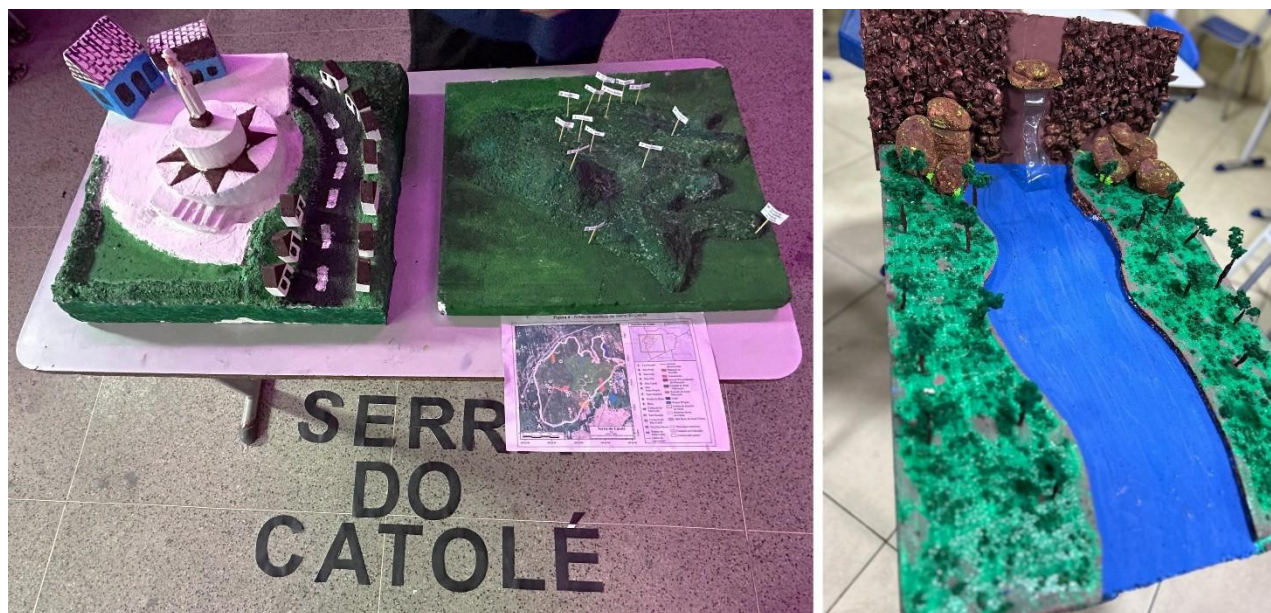


Fonte: acervo da pesquisa (2024).

Esse achado evidencia um processo de ressignificação da identidade racial, em que os estudos sobre mulheres negras permitiram um novo olhar sobre si mesmas. Conforme Gomes (2017), a escola pode ser um espaço central de valorização da identidade negra e da estética do corpo, embora muitas vezes reforce estigmas. Ao se verem representadas positivamente, as alunas fortaleceram a autoestima e romperam com padrões discriminatórios historicamente impostos.

Já as maquetes e murais voltados aos topônimos indígenas (como Araripe, Meruoca, Catolé, Jaguaribe e Cocó) demonstraram um resgate da ancestralidade territorial e da memória dos povos originários, superando abordagens folclóricas. Muitos estudantes demonstraram surpresa ao descobrir a origem indígena de cidades ou rios que fazem parte de seu cotidiano. Esses trabalhos possibilitaram compreender a geografia e a história como elementos indissociáveis das culturas afro-indígenas e da própria formação do Ceará.

Figura 3 - Maquetes produzidas por estudantes representando a Serra do Catolé e o Rio Salgadinho, território de importância ecológica e cultural habitado por povos indígenas Kariri



Fonte: acervo da pesquisa (2024).

Essa abordagem formativa está em sintonia com os princípios da análise de conteúdo propostos por Bardin (2011), uma vez que os elementos recorrentes nos materiais escolares expressam categorias como ancestralidade, resistência, pertencimento e crítica ao racismo estrutural.

3.3 Percepções dos sujeitos: protagonismo estudantil e reconhecimento institucional

A terceira etapa da metodologia envolveu a análise reflexiva de registros informais, anotações de campo e observações realizadas ao longo da preparação e execução da Mostra. Esses dados evidenciaram que a vivência pedagógica impactou positivamente o cotidiano escolar, despertando o engajamento de estudantes historicamente alheios às práticas escolares tradicionais. Segundo Batista e Rodrigues (2025), a Mostra constitui

uma ferramenta pedagógica que estimula a participação ativa dos estudantes, favorecendo uma aprendizagem mais significativa.

Ainda com base nas observações aqui registradas, alguns professores relataram que turmas consideradas "desinteressadas" demonstraram entusiasmo ao produzir suas maquetes e pesquisas, enquanto alunas negras afirmaram "nunca terem ouvido falar de tantas mulheres negras importantes". Esses relatos configuram evidências qualitativas relevantes do impacto da Mostra.

Conforme Souza *et al.* (2020), esse tipo de abordagem favorece a motivação, especialmente quando conecta o conteúdo à realidade dos alunos. O reconhecimento de mulheres negras na atividade fortaleceu o pertencimento e a autoestima de alunas, mostrando o papel dos aspectos emocionais e sociais no processo de aprendizagem.

Cabe destacar que a integração das temáticas afro-indígenas não se restringiu à Mostra, como, por exemplo, a ação “Dona Clô vai ao quilombo”, dentre outras atividades. Durante todo ano, a escola analisada desenvolveu pesquisas interdisciplinares, visitas a territórios culturais e palestras com lideranças negras e indígenas, conectando os estudantes à diversidade brasileira de forma ativa e crítica. Essas ações têm fortalecido o protagonismo estudantil e a compreensão sobre o papel histórico dos povos afro-indígenas na constituição do país.

Como reconhecimento desse compromisso, em 2023 e, agora, em 2025, a escola alvo da pesquisa foi agraciada com o Selo Escola Antirracista, concedido pela Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE). A certificação foi especialmente significativa, pois a escola foi uma das poucas da região a recebê-la neste período. Esse reconhecimento institucional reforça o impacto positivo das práticas desenvolvidas, ao mesmo tempo em que valida a proposta da Mostra como estratégia concreta de educação antirracista. Por fim, cabe ressaltar que por se tratar de um relato de experiência, os resultados não visam generalização estatística, mas oferecer subsídios analíticos para práticas educacionais similares.

4 Considerações finais

Com base nas três frentes de análise (documental, produção estudantil e observação participante), pode-se afirmar que a Mostra de Arte e Cultura Afro-Indígena tem contribuído de forma significativa para a construção de identidades étnico-raciais no ambiente escolar e para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade. A experiência analisada responde diretamente ao que preconiza Gomes (2017) de que a educação deve não apenas ensinar sobre a diversidade, mas reconhecer os sujeitos como parte dessa diversidade e os valorizar enquanto produtores de cultura, saber e história.

Ao articular teoria e prática, história e vivência, memória e território, a Mostra criou um ambiente propício para o exercício da cidadania, da escuta ativa e do protagonismo discente, rompendo com modelos tradicionais de ensino e promovendo uma escola mais inclusiva, diversa e conectada à realidade sociocultural de seus estudantes, como instituído na legislação nacional.

Por fim, destaca-se a importância da continuidade dessas ações ao longo do ano letivo, e não apenas em datas comemorativas, bem como da formação continuada dos docentes e do apoio institucional para garantir que experiências como a MOSAICUN se consolidem como políticas permanentes no interior das escolas. Assim, reafirma-se a escola como espaço de resistência, produção de conhecimento e valorização das identidades afro-indígenas, contribuindo efetivamente para a construção de uma educação democrática e plural.

Referências

ANTUNES, J.; TORRES, C. M. G.; ALVES, F. C.; QUEIROZ, Z. F. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e12517, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e12517. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>. Acesso em: 22 jul. 2025.

BATISTA, R. S. V.; RODRIGUES, R. B. Mostra cultural: método pedagógico para o ensino de História da África. **Revista Científica de Alto Impacto**, v. 29, n. 143, 2025. DOI: 10.69849/revistaft/ar10202502191323.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 140. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 27 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 29 jul. 2025.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CELLARD, A. **A análise documental**. Tradução de Maria Clara de Sousa Gomes. São Paulo: Atlas, 2008.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). **Guia prática: a situação dos direitos humanos no Brasil desde uma perspectiva étnico-racial: pessoas afrodescendentes, indígenas e quilombolas**. Washington, D.C.: Organização dos Estados Americanos, 2023. (OEA/Ser.L/V/II.doc.159/23). Disponível em: <https://www.oas.org/pt/cidh/informes/pdfs/GUIA-PRÁTICA-Brasil-2023.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

COUCEIRO, L. A. A.; ROSISTOLATO, R. Etnografia e tempo nos estudos educacionais. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 51–73, 2022. DOI: 10.5007/2175-8034.2022.e82327. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/82327>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019. DOI: 10.12957/epp.2019.43015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 29 jul. 2025.

ELACQUA, G.; DIAS, I.; NASCIMENTO, D.; PEREZ, G.; RODRIGUES, M. **O círculo vicioso da desigualdade racial na educação do Brasil**. Washington, DC: Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 2024. Nota Técnica n. IDB-TN-3046.

Disponível em: <https://publications.iadb.org/pt/o-circulo-vicioso-da-desigualdade-racial-na-educacao-do-brasil>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIA, R. S. P.; SCORSOLINI-COMIN, F. As encruzilhadas do racismo estrutural na educação do negro no Brasil. **Revista África e Africanidades**, ano XIII, n. 35, ago. 2020.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. A. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, p. 223–244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZAL1.pdf. Acesso em: 29 jul. 2025.

GUAJAJARA, S. *et al.* **Uma anatomia das práticas de silenciamento indígena**: relatório sobre criminalização e assédio de lideranças indígenas no Brasil. Filipinas: Indigenous Peoples Rights International; Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, 2021. 168 p.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, D. M. S. Práticas antirracistas em sala de aula: caminhos para a escola cidadã. **Educere**, v. 16, n. 55, p. 257-266, set./dez. 2012.

MARINGONI, G. **O destino dos negros após a Abolição**. Desafios do Desenvolvimento, São Paulo: IPEA, 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISÉRIA. Escola estadual do Cariri recebe, pela segunda vez, o Selo Escola Antirracista da Seduc. **Miséria**, Cariri, 05 dez. 2025. Disponível em: <https://www.miseria.com.br/ultimas-noticias/cariri/escola-clotilde-saraiva-coelho/>. Acesso em: 22 dez. 2025.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NUNES, K. *et al.* Admixture's impact on Brazilian population evolution and health. **Science**, v. 388, n. 6748, eadl3564, 2025.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

OLIVEIRA, E. N.; FRANÇA, S. S.; SAN RODRIGUES, C. Relatos de discriminação racial: o cotidiano de pessoas negras. **Revista em Favor da Igualdade Racial**, v. 7, n. 2, p. 54–67, 2024.

SANTOS, D. M. A. A. P. A desigualdade ainda está entre nós? Notas insurgentes sobre as raízes da discriminação racial: Is inequality still with us? Insurgent notes on the roots of racial discrimination. **Revista Desenvolvimento Social**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 7–34, 2023. DOI: 10.46551/issn2179-6807v29n2p7-34. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/7051>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SILVA, E. C. Araújo. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 133, p. 244–263, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.155>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SOUZA, J. C. *et al.* A influência das emoções no aprendizado de escolares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 101, n. 258, p. 382–403, 2020.

ⁱ **Francisca Ranielly de Brito Macêdo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5146-062X>

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação 19, EEFM Dona Clotilde Saraiva Coelho

Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestra em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Indígena do Povo Kariri e diretora da Organização dos Povos Indígenas da Serra do Catolé (ORPINC) e da Coletiva Maria Piauí. Contribuição de autoria: análise formal, conceituação, curadoria de dados, escrita – primeira redação, escrita – primeira e segunda revisão e edição, investigação, metodologia, validação e visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7701743281700191>.

E-mail: francisca.macedo4@prof.ce.gov.br

ⁱⁱ **Hernani Robinson da Luz Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6195-0278>

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação 19, EEFM Dona Clotilde Saraiva Coelho

Mestre em Ensino de História pelo ProfHistória/URCA. Especialista em Educação Digital (UNEB) e em Prática Docente do Ensino Superior (FIP). Graduado em História (URCA). Bacharel em Jornalismo (UFCA). Professor da educação básica na rede pública estadual do Ceará.

Contribuição de autoria: análise formal, conceituação, curadoria de dados, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição, investigação, metodologia, validação e visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6695464067779165>
E-mail: professorhernanirobinson@gmail.com

iii **Erinaldo Gualberto Da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6623-1033>

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação, EEFM Dona Clotilde Saraiva Coelho

Graduado em História e Especialista em História e Sociologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO. Mestre em Educação pelo Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Contribuição de autoria: conceituação, curadoria de dados, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição, investigação, metodologia, validação e visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6749949652759734>

E-mail: erinaldo.silva@prof.ce.gov.br

iv **Priscila Orlandini**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1609-6452>

Universidade de São Paulo (USP), Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), Departamento de Ciências Biológicas (LCB)

Graduada em Biologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestrado e Doutorado em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Especialista em Ensino de Ciências pela UNOESTE.

Contribuição de autoria: escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição, investigação, metodologia, validação e visualização, conceituação, escrita – segunda revisão e edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0829855852003146>

E-mail: p.orlandini@usp.br

v **Jany Mery Alencar Leite**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9107-0770>

Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus Barbara Pereira de Alencar – Campos Sales, Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras.

Mestre em Educação. Especialista em Pesquisa Educacional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA). Contribuição de autoria: conceituação, curadoria de dados, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição, investigação, metodologia, validação e visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1613091553921954>

E-mail: jany.alencar@urca.br

vi **Rayane de Tasso Moreira Ribeiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6006-598X>

Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus Barbara Pereira de Alencar – Campos Sales, Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Pós-Doutorado em Biodiversidade e Doutorado em Botânica, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Professora Assistente da Universidade Regional do Cariri (URCA) e da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC).

Contribuição de autoria: análise formal, conceituação, curadoria de dados, escrita – primeira redação, escrita – primeira e segunda revisão e edição, investigação, metodologia, supervisão e visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8662886938924423>

E-mail: rayane.ribeiro@urca.br

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Celso Kraemer e Neila Barbosa Osório.

Como citar este artigo (ABNT):

MACÊDO, Francisca Ranielly de Brito; OLIVEIRA, Hernâni Robinson da Luz; SILVA, Erinaldo Gualberto da; ORLANDINI, Priscila; LEITE, Jany Mery Alencar; RIBEIRO, Rayane de Tasso Moreira. Mostra Afro-Indígena Mosaicun e a construção de saberes afro-indígenas para uma educação antirracista e plural. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 8, e16029, 2026. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/16029/version/15029>

Recebido em 29 de julho de 2025.
Aceito em 23 de dezembro de 2025.
Publicado em 20 de janeiro de 2026.